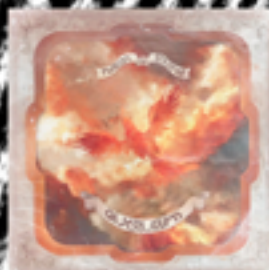


peteleco



no. 6

04 - 27

entrevista com slam das mina

icaro, rafa ribeiro, bella kacelnikas e andré gustavo

28 - 37

projeto avendano jr

francisco franco e gustavo mustafe

38 - 45

conheça um artista

CASSI3

chamada aberta

playlist

46 - 53

coluna recomenda

podcasts, músicas, textos, cinema e artes

54 - 59

PETeleco. Aqui tudo começou com o grupo PET ARTES VISUAIS sob tutoria de Gilberto Sarkis Yunes em 1995, que iniciam o peteleco como um mini jornal, que trazia notícias do curso, convites para eventos e também novidades referentes ao programa PET - Programa de Educação Tutorial. Agora, damos continuidade ao projeto em formato de revista, chegamos na nossa quinta edição digital no web-lugar onde tudo e todes se conectam.

Pelas telas brilhosas dos computadores, celulares, televisores, tablets, leitores de pdf e demais transmissores da rede universal de computadores, viemos te dar esse peteleco. Então, se liga! Não deixe sua bateria acabar.

SLAM DAS MINA



Bella: Bom dia! A gente veio aqui entrevistar vocês porque gostaríamos de saber um pouco mais do processo coletivo de vocês e também dos seus processos individuais. Então se vocês quiserem inserir informações sobre os tramos pessoais de vocês, das poéticas e outros corres podem ficar à vontade. O nosso objetivo é realizar a entrevista da Peteleco 6, que tem como tema música e vozes. Terá a apresentação da CASSI3 também e, a apresentação da pesquisa do grupo de choro da UFPel. Estamos muito gratos e muito felizes por vocês terem colado e agora vamos começar com as perguntinhas.

Gustavo: Então gente, eu sou o Gustavo (risos) e a primeira pergunta eu queria pedir para vocês se apresentarem e, se puderem explicar o que é o movimento Slam e como funciona o Slam das minas. E também como ele chegou aqui em pelotas e vinha se organizando antes da pandemia.

Colibrisa: Eu sou a Colibrisa (risos) Eu trabalho como compositora, como poeta e como produtora do Slam das minas Pelotas, também sou tatuadora e venho começando produção musical agora... várias coisas. Tô trabalhando com alguns artistas e algumas 'mcs' aqui de pelotas. Agora vou falar um pouco do Slam. O Slam das minas é um movimento poético de mulheres cis, trans e pessoas não binárias. É um movimento de poesia marginal, que começou aqui em 2018. A Bart que fez a conexão com os outros Slams, como o Slam do Rio de Janeiro, o Slam de São Paula, o Slam da Bahia... Tem uns 6 Slams das minas espalhados, mas tem vários outros tipos de Slam também. Nesse movimento acontecem eventos

que contém vários tipos de arte, a gente tenta agregar artes visuais, música, discotecagem, exposição, mic aberto para performance e pra quem quer cantar uma música. A gente tenta agregar várias vertentes da arte.

Stephane: Salve galera! Sou Stephane. Sou poeta, sou produtora do Slam das minas junto com a Colibrisa, produzo o Slam desde que ele começou com a junto Colibrisa, com a Bart e com Ana, nós fomos as primeiras produtoras aqui na cidade. A Bart trouxe e a gente entrou na produção desde o começo, além de poeta e produtora eu sou estudante de artes visuais na UFPel, sou transista trabalho na área de estética e é de onde vem grande parte da minha renda, a forma como me sustento. Sou social media, trabalho pro sofá na rua agora... Há uns dois meses, e apresentadora também do Cine UFPel. O Slam das minas, complementando um



Slam das Minas Pelotas, 2019. Fotografia: Dooda



pouco do que a Colibrisa falou, é sim um movimento poético para mulheres que acontece desde 2018 aqui em Pelotas, mas acontece na Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Acre e Brasília que foi o primeiro, pra mim ele é um movimento de acolhimento, pra gente pode se sentir livre pra falar e expressar tudo o que a gente tem vontade. E como a Isa (Colibrisa) bem disse a estrutura do Slam exige determinadas coisas, como performance, exposição de arte e dentro da batalha tem que ter o mic aberto, então em todas as edições a gente tem que ter essa estrutura e a gente tenta sempre trazer pessoas da economia para vender seus produtos, comida, alimentação... Óbvio, 100 dessas pessoas são mulheres, é bem acolhedor nesse sentido. Cada edição a gente traz uma pessoa. Tem discotecagem, já passaram várias pessoas por lá. E respondendo como acontecia antes da pandemia, os eventos aconteciam mensalmente ou a cada dois meses dependendo de como a gente tava, porque depois de um tempo ficou só eu e a 'brisa' (Colibrisa) na produção e, como produtoras independentes tinham meses que a gente não conseguia fazer por coisas da vida... Então, ou mensalmente ou bimensalmente, num sábado durante à tarde... Era dessa forma, das quatro até às nove, com discotecagem, com batalha, é bem legal! Agora estamos tendo que adaptar pro modo online, já tivemos uma batalha e estamos organizando para ter mais uma até o final do ano, estamos fazendo como dá, já que tá complicado se reunir, apesar de a vontade ser grande (risos).

Rafa: A próxima pergunta é bem em função disso. É como que tem sido a atuação do Slam agora na pandemia e como vocês sentem essa mudança em vocês, tanto no evento como sendo poeta e às outras atuações, como é não estar na rua e não estar com este contato direto?

Stephane: Complicado! Pra mim é bem complicado! Eu escrevo desde os meus 12/13 anos e eu conheci o movimento Slam eu tinha 18/19 anos, faz muito pouco tempo. Eu sempre escrevi, mas eu nunca lia, nunca mostrava pras outras pessoas, e foi no movimento Slam que eu comecei a mostrar. Eu tenho esse apego. O Slam é o lugar em que eu desabafo, falo das coisas que me martirizam e também das coisas que me causam amor, eu falo sobre dor, sobre afeto e muitas outras coisas. Senti muita falta desse espaço durante a pandemia. Pelo menos pra mim a pandemia foi um gatilho muito grande. Eu tinha muito pra escrever e não tinha um lugar pra falar, a gente fez uma edição remota e pra mim foi um alívio, toda apresentação que tem qualquer lugar que chame para eu apresentar eu agarro, porque qualquer oportunidade de representar o Slam das minas e de colocar pra fora essas coisas que eu ando escrevendo é importante, sabe?! Pra mim, meu processo tem sido esse. Bem complicado... Queria que pudesse estar acontecendo como acontecia antes. Pra mim difícil, não sei pra Colibrisa.



Slam das Minas Pelotas, 2019. Fotografia: Dooda

Colibrisa: Então, pra mim também! Como artista em geral, porque sou artista independente e faço várias coisas dentro desse meio em geral, mas pra mim também tá sendo complicado não só por não ter um contato direto de pessoas que vão somar, sabe?! Como no Slam que sempre aparece uma pessoa ou outra no mic aberto ou pra recitar uma poesia ou pra batalhar como a Stepha disse. Eu e ela estamos nessa frente de produção e eu sinto que como a gente tá em muitos outros corres, fica bem difícil de organizar tudo ao mesmo tempo. E tá sendo bem complicado pra gente... A gente tenta aproveitar de alguns editais, mas ao mesmo tempo, é um esforço muito grande se inscrever em edital e a gente nem sempre tem a mão pra esse tipo de edital, e as coisas ficam dificultadas de várias maneiras, mas principalmente por esse contato e por não ter esse espaço o espaço pra gente se reunir. O espaço tranquilo pra gente falar sobre tudo. Política, afeto, dores... É um lugar de acolhimento que tá fazendo falta, mas que a gente tá tentando não deixar ficar parada, tanto que a Stepha falou que a gente vai fazer uma batalha online, ainda esse mês provavelmente, então a gente tá tentando se movimentar de alguma forma mesmo que difícil por que arte é sobre isso, né?! Superar barreiras e persistir sempre.





Slam das Minas Pelotas, 2019. Fotografia: Dooda

Stephane: Claro, né?! Ainda mais sendo artista independente... (risos) Produtora independente, tudo independente! Tem apoio de nada! É o corre mesmo! Pra mim é 80% por amor, não tem muito o que falar em relação a isso que eu sinto muita falta, fico meio sentimental, sabe?!

Colibrisa: Aham!

Stephane: A última batalha que a gente teve, que foi a primeira online, teve a eliminatória para o Slam conexões, que é o Slam regional, né?! Que reúne todos os Slams. E eu passei, vai ser dia 08/11. E isso sempre acontece. O Slam vai além daquilo que a gente vê ali na praça, existe uma estrutura uma organização. Então os Slams dos estados competem entre si, e escolhem um pra ir no Slam 'BR'. E quem ganha o Slam 'BR' vai representar o Brasil na França.

Bella: Que loucura! Minha pergunta tem um pouco a ver com isso... Queria perguntar se o Slam consegue conectar vocês com as minas de outros lugares, através de eventos regionais e mundiais ou através de contato independente de uma mina que escuta, ou cola, ou vê vocês na 'net', e conhecem o trampo, buscam uma troca acerca das produções e poesias. Caso aconteça, eu imagino que deve ser muito potente e quero saber como que isso afeta vocês, conhecer outras histórias e minas de lugares muito diferentes.

Stephane: Ai! Eu conheço assim... Esse ano principalmente, porque teve algumas batalhas online, pessoal mesmo assim diretamente, foi uma batalha em Porto Alegre que participei e que batalhei com algumas meninas do Poetas Vivos, uma galeira que faz um movimento bem interessante dentro do Slam de Porto Alegre. Conheci a tia Tan e várias poetisas que enfim... Fodas! Poetisas que fiquei assim, sem palavras. E duas delas eu tô em contato ainda hoje, vão participar da batalha comigo agora, cada uma vai representar um Slam lá de POA e seguem em contato. Uma ficou em primeiro, a outra em segundo, e eu em terceiro. É uma troca muito interessante porque independente do lugar do estado a gente segue sendo mulher, segue sendo a maioria de nós sendo... E isso que é legal do Slam, tem muito protagonismo preto e indígena. Então acho que esse contato acontece independente de onde a gente está. A gente segue sofrendo as mesmas coisas. A gente consegue se identificar através da escrita através de um pedido de socorro que está ali na poesia. É isso! O contato com outras pessoas tem acontecido... Gostaria que acontecesse muito mais, (risos) mas tá vindo.

Colibrisa: Inclusive no Slam, nesta última batalha que a gente fez online, teve umas gurias de outras cidades, e eu achei isso muito massa, as gurias seguem a página, já vê que tá rolando uma live, já entra, já vê as inscrições, já se inscreve... E assim a gente vai se unindo, se conhecendo, trocando conhecimento, trocando poesia que é a melhor coisa. Enfim, é bem massa conhecer as pessoas de fora. E é importante que a gente consiga chegar nas pessoas daqui. Nosso foco principal é nas gurias mais jovens e conseguir que elas consigam ter acesso ao Slam e se sintam à vontade para se expressar de alguma forma naquele espaço. É o mais importante pra nós, todas as conexões são importantes.

Stephane: Outra coisa que é bem interessante de conectar com outras pessoas de outros lugares, é a quebra da visão que as pessoas tem com o Sul.

Colibrisa: Acham que aqui só tem branco!

Stephane: Que não tem preto no Sul. Mas tem! Acho que uma das maiores vantagens da pandemia é abrir as pautas de maneira online, a gente consegue de repente chamar uma pessoa que a gente nunca conseguiria pagar passagem e tudo mais. E online o acesso é mais rápido. Acho que conhecer outras pessoas e de outros estados é mais interessante para eles do que pra gente. (risos) Pra que eles consigam aprender que tem

preto no Sul e, que a gente tá fazendo as coisas acontecerem. Enquanto eles nos enxergam como branco somente, a gente nunca vai conseguir acessar alguns lugares, essa quebra destrava espaços pra gente, vários projetos no Sul acontecendo ultimamente que tem desmistificado essa coisa de que “não tem preto no Sul”. É um estado que usufrui até hoje da escravidão e que o racismo aqui é bem presente, mas invisibilizar o estado e os pretos não é o caminho. Essa conexão é importante para que as pessoas consigam enxergar para além do que é visto do Sul.

Colibrisa: Internet e acesso né, gente! Hoje em dia tu aprende muito na internet. Acho que tá facilitando muito o acesso para muitas pessoas que não conheciam esse movimento e vários outros Slams que estão acontecendo e tão com a oportunidade de chegar, colar, conhecer o movimento e ver que tem um lugar pra tu se expressar dessa forma, pela poesia marginal. E como a Stepha falou, é um lugar muito representado por pessoas pretas e isso torna o espaço que dá voz a nós.

Stephane: Se mulheres pretas estão sendo representadas todos estão sendo representados. É importante isso ser colocado, a oportunidade que a gente teve com outro Slam aqui da cidade não foi bem sucedida, muito por parte do racismo das meninas brancas. E não tem como a gente falar sobre mulher sem falar sobre racismo, não tem como a gente falar de muitas coisas sem a gente falar sobre racismo. A raça é algo muito importante para ser colocado. E sim, a gente tá aqui! É um movimento de mulheres que tá aqui pra se apoiar. Mas nem todos os movimentos são assim, principalmente aqui na cidade, já tô aqui na denúncia! (risos) É importante a gente sim ter representatividade preta aqui no Alam. E a gente sabe que daquelas 100 pessoas que estão lá assistindo muitas delas escrevem e não tão prontas pra tá lá e pegar no microfone, não tão prontas pra recitar. Eu e a Isa estamos no fronte e outras mulheres pretas LGBTQ+ estão no fronte, e isso é uma motivação, sabe?! Assim como a



Bart foi um incentivo pra mim, começar a recitar, tem outras mulheres que eu sei que escrevem mas não tão motivadas ainda. É isso o movimento Slam das minas acontece. Produzido, por mim e pela Isa, mas não é só a gente.

Colibrisa: Ele é coletivo!

Stephane: A gente tá sempre convidando as meninas pra colar, pra participar. E eu pelo menos não pretendo ficar na cidade, e a ideia é que o movimento siga...

Colibrisa: Ecoando!

Stephane: Isso! Sem depender de mim e da Isa.

Icaro: Tu comentou antes sobre a Bart... E aí, a gente queria saber das inspirações de vocês, de processo criativo, individual, e também no que vocês produzem pro Slam... Coisas do cotidiano que inspiram vocês, que levam a criar, e o que tem produzido agora na pandemia.

Colibrisa: Então... Meu processo agora na pandemia tá sendo mais lento também porque eu tô lidando com várias áreas das artes, também por não tá tendo muito contato com pessoas, estou fazendo tudo mais sozinha, e aprendendo coisas sozinha, apesar de ter pessoas que me passam muito conhecimento na minha volta, sempre procurei estar na volta de quem passa conhecimento, entendeu? Porque essa que é a visão na verdade. Muitas pessoas me inspiram, principalmente mulheres e mulheres pretas, não tem como! Eu fico vendo as coisas que essas mulheres pretas tão fazendo e minha cabeça explode, porque... é muito avanço! As mulheres são muito avançadas, em todas as questões, tanto para estética quanto para qualidade de som. Enfim, todos os aspectos! Eu tento pegar muito isso e trazer pra minha vida, para minhas produções. Tem algumas mulheres que são assim, referências, tipo a Stephane, a Bart. Fora as mulheres que tão na minha volta que trampam com arte. Eu sou de São Paulo, né?! Tem algumas mulheres como a Killa

Bi, Brisa Flow, muito referência! Tô escutando muito a Mac Julia, a Laura Sette, FENDA, muitas referências muito avançadas. E, como eu falei, a internet é acesso né?! Tá tendo muitos lançamentos de sons e muitas coisas acontecendo durante essa pandemia e eu tendo a olhar pra tudo isso e tirar alguma coisa e botar nas minhas produções. Enfim, muita coisa pra falar! Eu tenho escrito, mesmo que de maneira lenta, mas eu tenho escrito, escrito coisa nova, tenho produzido um EP, e uma cypher de muitas mulheres mcs aqui de Pelotas. Eu não tô parada, tá rolando muita coisa, mas tudo tá mais lento, uma hora a gente corre com todos esses aprendizados, o bagulho é não desistir, porque o corre é difícil. E, tipo, não é fácil tá todos os dias ali em cima de um bagulho que muitas vezes não te dá dinheiro, não é fácil tá trampando quase todos os dias com algo que não te dá dinheiro. Então eu tenho que arranjar outras formas! Então eu sou tatuadora também, eu tenho essa outra forma de renda, mesmo que não estável, é um desgaste muito grande ser artista independente, o bagulho é não desistir. Você vai aprendendo muitas coisas durante o caminho, você vai evoluindo, sua estética, sua performance ao recitar uma poesia, eu boto fé que tudo vai fluindo e uma hora a gente vai colher tudo o que a gente tá plantando. Porque a gente é AVANÇADA! (risos) E a gente não para de crescer, essa que é a mão! Pude traduzir um pouco da minha história nessa pandemia... (risos)

Stephane: Meu processo criativo tem sido bem conturbado desde o início da quarentena. Passei por momentos bem complicados. Tenho escrito, mas não com a frequência que eu gostaria. Não todas as vezes que sinto vontade de botar algo pra fora, porque existe um abismo muito grande entre o sentimento de querer por algo pra fora e a capacidade de transferir isso na caneta e no papel. E por muito tempo me perdi nesse abismo entre sentir e expressar, estou numa fase onde estou redescobrando essas formas de expressar, escrevendo de outras formas, e sobre outras coisas. Aceitando o que eu escrevia antes, mas

aceitando e entendendo que não estou mais fazendo as coisas, não estou na mesma, fazendo, reconhecendo meus processos e tentando escrever isso, traduzir isso pro papel. E, respondendo sobre minhas inspirações, a colibrisa tem sido uma pessoa muito essencial desde que a gente se conheceu. É apoio, poesia, tudo na vida! Acho que nesse sentido não posso reclamar mesmo, tenho pessoas na minha volta que me inspiram muito e me incentivam a seguir não só escrevendo, mas seguir com a vida. Colibrisa, Gustavo, Janu, minhas inspirações vão além da poesia, além da arte em si, quem me inspira e me motiva são as pessoas que tão a minha volta. Gustavo, Janu, minha mãe, meus irmãos, essas são as pessoas que me inspiram e me motivam a seguir escrevendo. Porque eu quero muito que minha irmã se sinta representada, que ela se sinta à vontade pra fala o que ela escreve. Que minha mãe se sinta à vontade pra falar o que ela escreve. E que meu irmão conheça que tem outros Slams que podem acolher ele... Então, eu tô aqui por um motivo muito maior do que eu mesma, e dentro da arte minhas inspirações Colibrisa, Bart, Laura Sette, Fenda, e mais pro movimento poético, Mel Duarte, Liane Leão, Bruna Mahin, que é uma das poetisas da cidade, inspiração é o que não falta! Mulheres fodas! As gay foda! Disso eu tô bem representada. E o que eu tenho tentado de processos criativos, é que eu quero fazer uma live. Acho que vou fazer uma live antes da batalha, um dia antes, uma performance poética, e estou aproveitando esse momento pra falar pra Colibrisa que se ela quiser me acompanhar...

Colibrisa: Ahhh!!! Eu amo!

Stephane: Estou planejando um set DJ, porque eu também sou DJ, acompanhado de poesia. Tô afim de fazer. Vai acontecer... é algo mais recente do meu processo. Fora isso só muito trabalho e faculdade. Em processos é a poesia sempre! Livre pra fazer da forma como eu quiser sem seguir regras.

Rafa: É louco como o processo da gente se conhecer



Slam das Minas Pelotas, 2019. Fotografia: Dooda

também afeta diretamente no processo criativo, as coisas andam muito juntas. Essa próxima pergunta vai em relação a isso. Como o Slam afetou vocês? Tipo, vocês antes do Slam e vocês depois?! Existe alguma diferença? Coisas que mudaram?

Colibrisa: Nossa!!! Muito diferente pra mim. Muito diferente também porque eu nunca tinha frequentado um Slam e nunca tinha me sentido tão à vontade dentro de um espaço. Então foi tipo uma porta aberta pra mim. A Bart realmente abriu uma porta pra mim dentro da poesia. Eu escrevia desde meus 16, 17 anos e participava de batalha de freestyle às vezes, mas na minha cidade só tinha uma mulher MC que tava nesse meio. Era muito difícil me sentir à vontade, me sentir pertencente. E numa batalha de freestyle que tinha a maioria homens, e ainda homens que nunca te incentivaram a fazer nada! Então é outra fita! Outro contexto! E quando vim pra Pelotas e conheci o Slam das minas e me deparei com a Bart, com a Steph, com mulheres que estavam realmente organizando eventos e fazendo acontecer um movimento todo, quando eu me deparei com isso eu percebi que também podia fazer isso, e que esse também era meu espaço, e que eu também podia tá ali organizando o evento e chamando pessoas que eu acreditava no corre pra somar junto. E foi uma porta gigantesca no meu caminho artístico, como Colibrisa geral, isso me deu força pra acreditar nas minhas outras produções artísticas. Foi muito massa em aprendizado e pra me dar força e continuar nesse corre.


Stephane: A Steph antes do slam era a Steph que não falava, não se expressava, não se sentia representada e a Stephane que tinha necessidade de ser ouvida mas não confiava em ninguém pra isso, não tinha

espaço no ambiente familiar onde eu era ouvida, pelo contrário, eu era quem ouvia, sempre, na maioria do tempo! Não tive um ensino fundamental e nem um ensino médio onde eu fosse escutada, então acho que todos os lugares que passei e por todos lugares que trabalhei.. Já trabalhei em muitos lugares, tenho vinte um e trabalho desde os quatorze anos, enfim, em todos os lugares que passei, nenhum me trouxe motivação o suficiente pra falar das coisas que eu escrevi e quando eu encontrei o slam eu encontrei o lugar em que eu podia falar! Tudo o que eu quisesse! Onde eu poderia me expressar da forma como eu realmente queria, foi onde eu vi que o problema não era eu, não era eu não saber me expressar e não era a forma como eu falava, e sim não ter encontrado um lugar que me respeitasse e me aceitasse da forma como eu de fato sou e o slam é isso pra mim, um lugar em que eu posso ser quem sou e um lugar onde construí quem eu sou hoje. Pra quem é poeta e quem é artista, pra quem escreve... Eu coloco muito do meu sentimento e eu cresci estando num ambiente hostil onde poucas vezes eu pude expressar minha raiva, e isso afetou a mim mais do que a qualquer outra pessoa e o slam é isso, o lugar onde eu posso falar tudo o que eu sinto.

Colibrisa: Sem ser julgada.

Stephane: A Stephane que eu sou desde o slam é a pessoa que eu sempre quis ser, desde nova, desde que eu comecei a escrever. A pessoa que fala, porque eu sempre gostei de falar, mas eu não sentia que eu devia, eu cresci ouvindo que eu tinha que ficar em silêncio e hoje eu posso falar! Eu não calo a boca né Gustavo? (risos).

Gustavo: Dá pra falar mais ainda!



Stephane: O slam é tudo, é onde eu conheci a Colibrisa e me conectei com a Bart. O slam é isso, ele que me conectou com as pessoas que eu mais amo.

Colibrisa: Digo o mesmo!

Gabi: vocês conseguem trazer o slam ou a discussão do slam para dentro da universidade, sendo vocês estudantes de artes e mais que isso, se vocês tem interesse em fazer isso?

Stephane: A gente consegue levar sim o slam para dentro da universidade, antes da pandemia isso acontecia bastante, não só na UFPEL mas também na Católica. A gente sempre foi chamada. Existe o slam das minas, o evento e também existe a produção do slam das minas. As minas que tem uma produção, as poetisas compõem um grupo, então a galera convida o slam das minas para gente se apresentar, para fazer uma performance né, e aí a gente sempre era convidada para ir nas escolas, eventos e na parada lgbt, enfim, eventos como esses então a gente já está nesses espaços. Para mim eu acho interessantes estarmos nesses espaços para estarmos atualizadas sobre o que está acontecendo nela, a gente também faz parte dele como estudante, então eu acho importante essa conexão, mas que assim como várias outras coisas além do slam tem que ir para além disso. O que me deixa mais triste na pandemia é não ter conseguido seguir o que a gente tinha planejado de levar o slam para os bairros, de fazer edições dentro das escolas públicas, estar na base né. Como estudante de licenciatura é importante fazer esse trabalho de base, para que Stephanes de 13, 14 anos, consigam descobrir o slam e a poesia mais cedo e descobrir mais cedo que sim, elas podem falar e que existe um movimento que está ali para elas, que assim como eu, muitas delas, enfim, estão em lugares vulneráveis. A gente sabe que a fala delas tam-

bém vaza um pouco disso e que provavelmente assim como eu, não possuem espaço para falar sobre isso, sobre agressão, abuso e várias outras coisas e o slam é isso né, um espaço, ele é acolhimento e eu quero muito levar isso para outros lugares além da universidade porque a universidade de certa forma é um lugar onde também existe essa necessidade, mas que as pessoas já estão em uma idade mais avançada. Para mim é muito importante o trabalho com crianças, adolescentes, enfim, estar nas escolas, é o que eu mais gosto, escolas e ONGs, instituições dentro da universidade.

Colibrisa: É eu também acho que parte muito do que a Sté falou, acho importante estar no movimento para vários lugares, mas o foco são as jovens pretas de periferia, então por mais que a gente leva para universidade e agregue também a mulheres pretas que estão na universidade, o mais importante para a gente é levar para periferia, botar um espaço onde as gurias dali se sintam confortáveis no bairro delas, estando onde elas quiserem, falando sobre suas vivências, falando sobre suas realidades, então acho que nosso foco real é esse assim, até porque a universidade, dentro da universidade tem pessoas mais velhas que já tem acesso a muito conhecimento ali, já tem acesso a muito coisa, conhecimento que as gurias de periferia não tem sabe? Muitas vezes não tem. O nosso foco na verdade é que o Slam chegue nessas meninas, e principalmente jovens porque a Sté falou né, se eu pudesse teria conhecido a slam a muito antes. Eu com os meus 17, 18 já frequentava saraus mas não era só de mulheres, era outra visão, então ter um espaço assim na periferia é o nosso foco, Até também para a gente seguir com o movimento e ter poetisas que realmente representem aquele espaço e que possam também produzir o Slam e que possam também gerar conteúdo e enfim, outras coisas também.

Stephane: E eu acho também que essa conexão, tipo, a gente está na universidade, a gente está nas escolas, a gente está nos bairros, a gente está no centro e a gente está em todos os espaços e isso é muito importante porque eu vejo que o conhecimento, principalmente, o acadêmico é muito centralizado e mantido dentro da universidade, estando nas escolas a gente consegue fazer essa troca, a gente consegue motivar também esses jovens e adolescentes a enxergar além. Eu vim de um bairro, sou da periferia, sou do mesmo lugar onde eles estão, por isso eu acho que a gente estando na universidade e em outros espaços motiva esses jovens e adolescentes a pelo menos se interessarem pelo meio acadêmico e ir para algo além do que dizem que podem alcançar, sabe? Quem está dentro da universidade entenda quem está fora e quem está fora se sinta capaz de entrar, como eu sou de lá consigo levar minha realidade para outras pessoas né, pra que esse bando de branco elitista escute um pouco o que a gente tem para dizer, já que 100 % do tempo é focado naquele conhecimento eurocêntrico e aí falar um pouco da periferia né, vamos falar da nossa realidade desfocar do que não nos representa e começar a falar sobre a gente.

Colibrisa: É, eu acho que estar dentro da universidade e levar o slam para dentro dela é um pouco também de falar sobre isso nesse espaço, é cutucar a ferida mesmo e falar “Mano, a gente existe, estamos aqui, somos um movimento independente dentro da faculdade, estamos fazendo as coisas e o mínimo que vocês vão ter que fazer é escutar “. É um bagulho assim também porque querendo ou não a maioria da universidade é branca e são pessoas ricas, a arte também é muito elitizada então a gente tem que tirar essa coisa, até da poesia na verdade, tirar essa coisa de que poesia é coisa de gente branca, porque não, poesia marginal está aí e também é considerado como literatura e eles vão ter que engolir.

Rafa: A gente falou da universidade e aí logo que vocês falaram das escolas e tudo mais, eu acho que é muito louco como a universidade pública também funciona nessa ponte. Um monte de gente massa, que pensa coisas interessante e que através da extensão da universidade consegue entrar em vários outros lugares, não só por causa disso né, mas também que a gente seja esse núcleo de concentração e que possa se expandir depois né, então pensar que a universidade pública é essa ponte entre uma coisa e outra e que sim, vocês precisam estar nesse centro.

Gustavo: Essa questão de espaços físicos: Quando a gente fala do slam de Pelotas, logo imaginamos a meia lua da praça porque aconteceram bastantes coisas lá e a próxima pergunta vocês já responderam, já está intrínseco nas respostas, mas eu queria saber sobre conexão com espaços, conectar espaço A ao espaço B através do Slam, como vocês enxergam isso? Como vocês enxergam essas conexões que o Slam consegue fazer com os espaços físicos mesmo?

Colibrisa: Ai, para mim é disseminar a cultura, disseminar conhecimento, sentido. Em relação aos espaços físicos é muito do que a gente já falou, sobre levar o slam para a periferia e fazer daquele espaço também um espaço para as pessoas que querem e se interessam pelo movimento e por estar ali naquele espaço, então acho que é muito desta ideia de realmente ocupar todos os espaços. O bom de não ter um lugar físico é isso, poder explorar outros espaços, realidades, pessoas que somam e que podem compor esse movimento, vai muito disso.



Slam das Minas Pelotas, 2019. Fotografia: Dooda



Stephane: Para mim, o espaço físico vai muito da visão de que para nós é muito complicado nos enxergar no centro, estar no centro e o Slam é para isso, ele acontece no centro, na meia lua e ele traz essa locomoção das pessoas de outros lugares até o centro, até a gente. A gente fazendo essa troca que vai acontecendo também dentro da comunidade, levamos as pessoas do centro para lá, é essa troca mútua, a gente está no bairro, no centro e nós vamos ocupar, é essa mensagem que eu tenho para passar: “Nós vamos ocupar todos os espaços que quisermos”.

Colibrisa: É muito isso que a gente falou de que o centro é um espaço que muitas vezes é muito ocupado por pessoas brancas, né?

Stephane : Mas que foi construído por pessoas pretas.

Colibrisa: Sim, construído por pessoas pretas e ocupado por pessoas brancas, então a gente estar naquele praça e estar se esgoelando e gritando e tumultuando e recitando poesia e botando som e dançando e fazendo tudo, tipo, tem pessoas que passam com cara feia, nos encarando com uma cara de “meu deus o que essa galera está fazendo aqui?” e sempre vai ter mas o nosso intuito não é incomodar e sim estar nesses espaços e dizer “esse espaço não é teu” então a gente vai ocupar e colocar nossa cultura ali e vai disseminar a nossa cultura.

Stephane: é aquele incômodo necessário, se estamos ali é porque algo está errado, com o fato das pessoas se sentirem incomodadas e estar nesses espaços históricos da cidade tem uma potência no sentido que os nossos ancestrais se sentem orgulhosos de nos ver ali ocupando e falando no espaço onde eles não puderam ser livres, é sobre isso, transformar algo que sempre foi sofrimento para nós em algo sobre voz. Anos atrás estávamos sendo escravizados naquela praça, debaixo de sol, naqueles prédios tortos ali, então agora quem decide onde quando falamos somos nós mesmos.

Gustavo: Como a Colibrisa disse, é revolucionário, porque mesmo até hoje existe um boicote.

Colibrisa: Boicotam várias coisas na real. Vai boicotar? Beleza mano, mas a gente vai fazer de novo e com mais barulho ainda, tá ligado? É mais ou menos assim que funciona (risos).

Icaro: essa próxima pergunta é em relação a isso, com tudo que vocês falaram do desejo de atuação nas comunidade, indo para a periferia, saindo a universidade e tendo esse contato e justamente estarem ali na meia lua que é praticamente na frente da prefeitura. Depois de terem começado e ter sido algo que durou, que tem durado e espero que continue por muito mais tempo, a gente queria saber sobre o apoio da cidade, da prefeitura, o financeiro, se rolou isso em algum momento, se é algo que vocês tiveram que procuram ou se nunca rolou.

Stephane: Não (risos).

Colibrisa: É, para não te mentir, o único apoio foi a energia elétrica na verdade.

Stephane: E a permissão para usar o espaço público. A gente só conseguiu isso graças ao sabote de outras meninas brancas.

Gabi: Não, e é aquela coisa né, é um espaço público, não tinha que ter permissão para estar ali.

Stephane: Vamos começar por aí né (risadas) Todo Slam é um trâmite de fazer, pegar autorização, ver se a luz está funcionando.

Rafa: E patrocínio, a galera de fora, não da prefeitura, vocês conseguem pouca coisa assim né, eu sei que o corre independente é bem hard.

Colibrisa: 100% independente, passando o chapéu com as pessoas que somam no rolê porque é assim que é, mas espero um dia conseguir um patrocínio, né Steph?

Icaro: Vocês também falaram sobre edital, né? Eu e a Bella participamos de um edital esse ano que ainda não saiu o resultado, mas é horrível o tanto de burocracia e de coisas que a gente nunca viu na vida.

Colibrisa: Não, eles dificultam muito, tá ligado? Por isso que eu falei, não é simples se inscrever para edital.

Gabi: Gente foi traumático!!!!

Colibrisa: Nossa, boto fé, porque é uma baita mão de escrever o texto todo, não saber se ficou bom por não ter muita experiência com escrever edital, estou começando agora. Me inscrevi para alguns, mas é naquelas, sabe? Vai incomodar, sem contar que é isso que tu falou, uma baita burocracia, tem que fazer um baita rola pra conseguir uns documentos com umas coisa que tipo, alguns editais tem que ter MEI tem que ter CNPJ, coisas que um artista independente não tem dinheiro nem para, sabe? É foda.

Rafa: Muito trabalho né, não basta só produzir o conteúdo em si, também tem que se produzir ali.

Gabi: Fora as datas que são ridículas, a pessoa e avisa hoje e fala para você “7 dias, vai desgraçado, corre” (risos).

Stephane: Isso dificulta o acesso 100% para quem não teve essa base, né? Quem que faz esses editais da forma como eles pedem, me diz? (risadas).

Bella: Ai, deve ter uma galera que está ganhando sempre.

Stephane: O que eles querem é dificultar o acesso dos preto, dos pobres.

Colibrisa: Enfim, circular a grana para a galera que já tem grana. Tem muitos editais que atrasam, eu to esperando, me mandaram um email falando que o resultado do edital ia sair dia 30 e hoje é dia 13, eu to tipo, meu, só quero que saia logo isso. Se inscrever para editais, não é todo mundo que tem conhecimento e a prática.

Bella: Nós estamos na universidade e não tem nenhum professor que sente na tua frente e te ensine, não existe.

Rafa: Gurias vamos falar de coisa boa então? Chegamos no final das nossas perguntas, mas gostaríamos de deixar um espaço aqui para vocês dizerem o que vocês estão pensando para os próximos projetos, o que vai acontecer no futuro e coisas boas, enfim, fiquem à vontade.

Colibrisa: Sobre projetos, a gente está com essa ideia né, de fazer uma batalha esse mês ainda, mais pro final do mês e vai ser online. A gente vai fazer uma publicação para as poetisas se inscreverem pelos comentários, uma mão bem simples para facilitar as inscrições. Está rolando também uma Vakinha que é para a produção de um livro e cópias dele de poetisas daqui de Pelotas, a gente vai reunir algumas poetisas, vai ter um limite, mas vamos deixar bem aberto para quem quiser chegar. É só se inscrever no formulário que a gente vai fazer, vai ser bem simples o acesso. Não vamos fazer coisas só pela internet também justamente porque queremos também dar acesso a populações que não possuem acesso a internet, então a ideia é espalhar isso tudo pelo bairro. A vakinha para o livro de poetisas está rolando no instagram, tem o link na bio, é bem fácil de contribuir, mas quem não puder compartilhar já é uma baita contribuição. Sobre projetos: como a Sté disse, a gente pausou alguns por conta da Pandemia então tudo está mais lento, só temos a ideia dessa batalha por enquanto, mas tem os meus projetos como artista independente, estou produzindo essa cypher quem tem umas 9 mcs daqui de pelotas, a sté também vai somar com poesia. Estou produzindo meu EP aos poucos, aos trancos e barrancos porque não me dá dinheiro então vai como tiver que ser. Fazendo alguns bicos também (risos) se souberem de alguém que precise de uma captação de voz boa me deem um salve. Acho que é por aí, acabei de lançar um som que está no youtube, confirmam! Tem no Spotify também, chama “Resumo” com produção da Dolla.

Stephane: meu @ é @stephanegonaa, se vocês quiserem me acompanhar por lá, eu acho que mês de novembro para preto é bem movimentado né? É o mês que eles lembram da consciência (risos), então eu vou participar de muitas coisas esse mês, até fiz um repost agora do Pet PPC, me convidaram para uma roda de conversa onde eu vou falar de produção cultural junto com várias pessoas pretas da produção da cidade. Tenho outros convites também representando o meu trabalho como trancista, então vai acontecer, tem muita coisa por vir, oficina, palestra, roda de conversa, coisas online, então me sigam no instagram @stephanegonaa, sigam o sofá na rua, sigam todos os meus trabalhos.

Colibrisa: E ela é finalista também.

Stephane: Ah é, vou representar o slam de Pelotas no regional ta? Não se esquecem (risos).

Rafa: agradeço demais a conversasurias, vocês são incríveis!

Bella: Muito obrigadaurias! Foi muito massa o papo!

PROJETO AVENDANO JR

POR FRANCISCO FRANCO E
GUSTAVO MUSTAFÉ



O Acervo do Choro de Pelotas é um patrimônio público disponível digitalmente que busca resgatar parte da memória cultural da cidade ligada a esse gênero musical. Por meio da organização e catalogação de fotos, documentos, vídeos e partituras emprestadas pelos colaboradores, músicos e entusiastas do choro, organizados por diferentes coleções em uma plataforma online de fácil acesso. Desta forma o acervo foi todo organizado em um repositório digital interativo ligado ao choro e às práticas musicais inspiradas pelo músico Avendano Júnior que, ao longo de quase 40 anos atuou como cavaquinista e compositor na cidade de Pelotas.

A ideia nasceu a partir das iniciativas do professor Raul Costa D'Avilla e da antropóloga Ana Paula Silveira, com base no projeto de pesquisa etnográfico realizado em 2002 no bar Liberdade. Como um dos resultados dessa pesquisa que envolveu as áreas de antropologia e música, surgiu a recomendação de que era preciso juntar todo o material que estava disperso, em condições não muito favoráveis e de difícil acesso, a fim de preservar e divulgar esta produção e memória local associada ao choro de pelotas e seus músicos.

IMAGENS FEITAS DURANTE A
CONSTITUIÇÃO DO ACERVO



JUN - 73

Com o passar do tempo o projeto foi sendo estruturado. A partir de novas parcerias e da contribuição de outros professores dos cursos de música da UFPel, ele amadureceu juntamente com a criação do Clube do Choro em 2015. Surgiram também grandes parceiros nesse percurso, como com o Laboratório de Conservação e Restauro de Papéis da UFPel que através de Otavio Boszczovski e Silvana auxiliaram no cuidado e digitalização do material.

O processo de criação deste acervo foi feito a muitas mãos, com base em um material que foi preservado na memória e nas casas de músicos e admiradores do choro e do músico Avendano Jr. em seus mais de 30 anos de atuação na cidade. Em seu formato digital ganhou forma e estrutura. Essa construção, realizada de forma colaborativa, teve início em uma série de visitas em 2019 às residências dos músicos e demais colaboradores do Acervo. Todo esse processo também foi documentado por estudantes do curso de cinema da universidade.

Mais do que um repositório de documentos, o objetivo do acervo que reuniu músicos e colaboradores em torno desta memória foi o de construir um “arquivo vivo” com ampla participação da comunidade local, com acesso democrático e uma lógica de construção participativa. Isto ocorreu tanto no processo de escolha dos itens a serem arquivados como na própria gestão do mesmo. Seguindo o exemplo de outros Acervos Colaborativos, como o projeto “Música, memória e sociabilidade da maré”, coordenado pelo professor Samuel Araújo junto à UFRJ, e o projeto SOMA coordenado pela Prof. Suzana Sardo na Universidade de Aveiro em Portugal.

Assim o Acervo do Choro de Pelotas procura ao mesmo tempo a valorização de fazeres e tradições locais e as produção de materiais sonoros, audiovisuais e impressos sobre o tema. O acervo tem diversos documentos importantes sobre o choro na cidade. Tornando a história desses músicos viva e presente na cultura



2

Uma observação: Se você sóla e acompanha tam-
bem, deve usar uma palheta de tamanho médio.

O tamanho da minha palheta é este:

O polegar e o indicador seguram aqui



A palheta é de tartaruga.

Observe que a ponta é um pouco arredondada,
pois sendo assim, tira um som mais bonito.

Amigo Joaquim se você tiver
alguma dúvida, escreva para mim que terei
todo o prazer de procurar esclarecer.

Meu novo endereço a partir de novembro é:

Brasília - S.O.S - 302 Bloco H apto 104.

Um grande abraço do amigo

Waldir Azevedo

Com tempo: o tamanho da palheta é 2 milímetros a menos,
pois eu coloquei a minha sobre este papel e ao contornar
com a caneta, saiu um pouquinho menor.



pelotense e enriquecendo de forma significativa o patrimônio cultural e artístico da cidade. Em 2020, no dia 19 de Novembro, Dia Municipal do Choro (data que foi criada em homenagem a Avendano Júnior), foi realizada uma live comemorativa, no Facebook do Clube, onde ocorreu o lançamento oficial do Acervo em seu formato digital, vinculado a página wordpress do projeto. O repositório digital conta atualmente com cinco coleções que podem ser acessadas pelo site do Clube e mais duas estão sendo trabalhadas no momento, e em breve serão também disponibilizadas.

PARA CONFERIR O MATERIAL COMPLETO CLIQUE [AQUI](#).



CONHEÇA UMA ARTISTA

CASSI3



CASSI3 é uma Drag Queen, cantora e compositora de Pelotas, RS. Criada pelo videomaker Cassiano Teixeira Rocha em 2018, vem alcançando espaços nas comunidades artísticas e LGBTQI+ local e regional. Com um trabalho autoral e discursos reflexivos sobre autoconhecimento, afeto e a política estrutural brasileira, a artista é a mente criativa principal por trás de suas músicas e todo aspecto visual de direção e roteiro de seus vídeos.

ESTESIA

O EP Estesia, lançado em todas principais plataformas de streaming de música durante o ano de 2020, conta a história de transformação estética e discursiva de CASSI3 através das temáticas abordadas nas canções. Cada clipe carrega uma narrativa própria, porém quando assistidos juntos revelam uma narrativa maior sobre a jornada de transformação da Drag.

Atravessando a linguagem do live action e da animação Estesia é um projeto de colaboração de diversos alunos e profissionais graduandos dos cursos do Centro de Artes da UFPEL. A produção foi de José Pedro Minho, a direção de fotografia de MáCla, animações de Alexandre Lindolfo e Matheus Matos, direção de arte de Mariana do Prado, Montagem de Valquíria Langone, direção de som de Gabriel Portela e design de Jackeline Nunes. A ficha técnica do EP Visual orgulha ao envolver pessoas de diversas origens que se encontram através do contexto universitário.

Desde o lançamento da sua primeira música, Canetaço, CASSI3 tem ampliado sua presença em veículos de mídia. Foi no lançamento da faixa principal de seu EP Estesia que seu alcance aumentou, sendo noticiada para além do Sul do país.



Fotografia: Enzo Hofmann

CASSI3 já se apresentou em desde casas noturnas à eventos culturais, para os mais diversos públicos. A artista busca uma atuação envolvente no palco somada à uma força carregada na voz como as clássicas apresentações de rap do movimento hip hop. Em tempos pandêmicos, a Drag Queen adaptou suas performances presenciais à performances ao vivo, incluindo eventos online como editais da Secretaria de Cultura de Pelotas, sempre trazendo sua força e estética mesmo nessas apresentações virtuais.

SIGA A CASSI3 NAS REDES

[Instagram \(@cassi3_____\)](#)

[Facebook](#)

[Youtube](#)

ASSISTA O ÚLTIMO LANÇAMENTO

[POC POC POC](#)

playlist

clique [aqui](#) para acessar a playlist

- chamada aberta
- playlist
- 15 artistas
- confira nosso canal no
- youtube



ATLÂNTICO - BORG'S

2020
juiz de fora / MG

@queromaisernada

2020
franca / SP

@pedro.bergamo



NÓS DOIS MERECEMOS VIVER -
PEDRO BERGAMO

FUTURE - M.A.L Music Against Lethargy

2020
porto alegre / RS

@music_against_
lethargy

2020
pelotas / RS

@liseperesmusic



SERÁ - LISE PERES

CAMINHO - GIA

2020
sant'ana do livra-
mento / RS

@gdelabary

2018
(lançamento em
2020)
charqueadas / RS

@pedrokowa.musica



CAMINHO
GIA



SABIÁ - PEDRO KOWALSKI



JUNGLE - COMPLEX SHADOW

2016
santa maria / RS

facebook:
etcetcetcetcetcetcetcetc



PRIMEIRA MÚSICA -
EVANDRO DEPIANTE



AFETO - ALANA DÉDALOS

2014
porto alegre / RS

@juklovan



SILENCIAR - JU KLOVAN



A BRUXA FEAT. THAIS AMARAL (ENDIGNA) - CARMÉN LIPSTICK

2016
jitaúna / BA

@rsericars

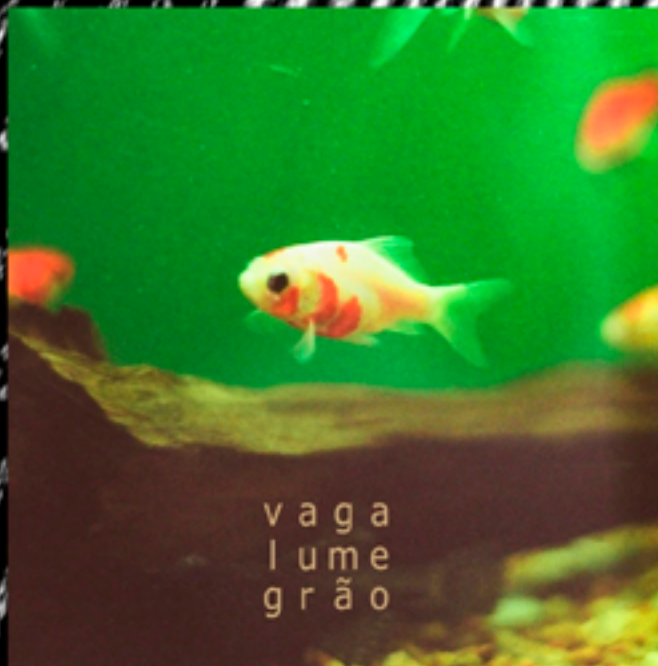


ENTALPIA - ÉRICA RODRIGUES

2020
são paulo / SP

@carmenlipstickbr

CORTE SECO - GUSTAVO CUNHA



2018
pelotas / RS

@gustavolcunha

VENTO LUNAR - ANDRE PERIM



2020
rio de janeiro / RJ

Wellington Soares, Fabio
Gomes (Percussão),
Rodrigo Sebastian
(Baixo Acústico)

@andreperim.dagua

QUERUBIM - MAICON THE STRANGE



2020
rio grande / RS

compositores:
caps.ctrl e
ysbswamp

@maiconthestranger

confira mais produções desses artistas
seguindo-os nas redes sociais. Apoie a
cena independente de música.

Coluna
**RECO
MEN
DA**



FIL
MES

PODCASTS

CUR
TAS



PRO
JE
TOS



LI
VROS





BOLETOS PAGOS COM NATH FINANÇAS

“...a prioridade é manter os boletos em dia. Por isso, todas as terças, Nath e um convidado conversam sobre economia e educação financeira.”

DISPONÍVEL NO SPOTIFY



MONNA BRUTAL - 9/11

Primeiro álbum da rapper Monna Brutal intitulado de “9/11” aborda questões em torno da transfobia, machismo, periferia e etc. Com produção musical de Z-Rock e a participação da poeta Katrina e da rapper Brisa Flow.

DISPONÍVEL NO YOUTUBE

BIG EYES (2014)

Pintora e defensora das causas feministas, a norte-americana Margaret Keane enfrenta um de seus maiores desafios ao levar ao tribunal o próprio marido. Em um período em que o reconhecimento de um trabalho feminino era difícil, a artista aceita assinar com o sobrenome do marido e tem sua obra usurpada pela ganância dele. Uma batalha judicial parece ser a única saída para recuperar a dignidade dela.

DISPONÍVEL NA GLOBO PLAY





ESTÉTICA FEMINISTA POR CARLA DAMIÃO

5ª aula do curso de Introdução ao Feminismo

Carla Damião trata de como a teoria feminista desafiou o caráter universal e atemporal da arte, além dos conceitos de beleza e gênio; fala também do olhar opositivo e da estética indígena.

[DÍSPONÍVEL NO YOUTUBE](#)

NEWSLETTER DA CASA DO POVO

A Casa do Povo é um centro cultural que revisita e reinventa as noções de cultura, comunidade e memória.

[ASSINE A NEWSLETTER](#)



CASA
DO POVO

**Assine a
newsletter!**

editorial:

Aline Golart
André Gustavo
Bella Kacelnikas
Daniel Higa
Francisco Franco
Gabriela Costa
Gabriela Cunha
Icaro
Jackeline Nunes
Maria Sucar
Matheus Matos
Rafaela Ribeiro
Uma Domênica
Vanessa Cristina

revisão:

André Gustavo
Maria Sucar
Vanessa Cristina

design e diagramação:

Daniel Higa
Uma Domênica

realização:

PET ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
OUTUBRO 2020

